

O operário¹

JUNIOR CUNHA²

Terça-feira. Estou cansado, na verdade exausto. Tive um longo e tedioso dia de trabalho. Precisei acordar logo cedo, tomar banho, tomar café, escovar os dentes, trocar de roupa, colocar as botas – tudo parece tão deprimente –, mas o que fazer? Não passo de um operário. Veja, não acaba por aí, tenho de pegar trânsito, ir até a droga da fábrica e, claro, trabalhar. Não me sinto mal por trabalhar, na verdade lá é ótimo, o dono, o senhor Smith, é gente boa, parece se preocupar com os funcionários. Semana passada Roger estava doente e o senhor Smith, caridosamente, lhe concedeu licença para se tratar. Acho até que deva ser sério, pois, desde então, não o vi mais por lá.

Bem, às vezes até penso em mudar, trocar de emprego, quem sabe comprar uma casa maior, me livrar da minha velha bicicleta e comprar, sei lá, um carro qualquer. Por sinal nunca fui muito exigente, mas, o que posso fazer? Sou operário desde que me conheço por gente e hoje, já na casa dos 45 anos, não tenho mais aquele espírito impetuoso de quando era jovem. Na verdade, quando jovem sonhava em ser professor, mas tive de começar a trabalhar muito cedo, então, meu sonho, aos poucos, foi ficando cada vez mais de lado. E tenho de admitir, meu emprego não é assim tão ruim: ganho meus dois salários mínimos e meio – mais do que muitos, acredito eu –, carteira assinada, férias remuneradas e todos os benefícios que alguém deveria ter.

E, por Deus, eu trocaria isso pelo que? “Antes a certeza do que a dúvida, meu filho”, dizia sempre meu pai. Acho que ele estava certo. Se eu sair da fábrica quem garante que arrumarei algo melhor? Vejo sempre as pessoas comentarem que está difícil arrumar emprego. O senhor Smith sempre diz que gostaria de aumentar nossos salários, mas, por conta da crise fica tudo mais difícil, o sujeito do noticiário das oito confirma isso. Sabe, às vezes até me sinto mal pelo senhor Smith, o coitado do velho é dono de uma multinacional, se a situação já está difícil pra mim que só tenho que me preocupar comigo, imagine ele, que tem que administrar toda sua companhia?

Pensando bem, eu deveria é agradecer a Deus pela vida do senhor Smith. Se não fosse por ele o que seria de mim e dos muitos que trabalham para ele? Tá certo que às vezes o trabalho é até excessivo, mas vale à pena, aliás, a gente trabalha só de segunda a sábado, então tenho o domingo só pra mim, e geralmente neste dia vou à igreja, porque ao final das contas Deus sabe o que é melhor para a gente.

¹ Texto produzido a partir da disciplina de “Propedêutica à Escrita e Leitura Filosófica”, sob orientação da professora Dra. Ester Maria Dreher Heuser.

² Graduando em Filosofia (1º ano), na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE- Toledo/PR; bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Filosofia).

Submissão: 03.08.2016 / Aceite: 28.11.2016